BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
RG Nº 5901
Data 26/01/00

Terreno- 1999/2

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

# O funcionamento dos sentidos silenciados ou não nas narrativas orais e escritas na/ da fundação do município de Pontes e Lacerda.

Kátia Chaves de Freitas

F862f

Pontes e Lacerda - MT
1999

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Kátia Chaves de Freitas

# O funcionamento dos sentidos silenciados ou não nas narrativas orais e escritas na/ da fundação do município de Pontes e Lacerda.

Ensaio monográfico apresentado no curso de graduação em Letras da UNEMAT (MT), no Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa, Inglesa e Literatura. Orientador: Jones F. Vicente.

Pontes e Lacerda - MT
1999

"(...) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar."

(M. FOUCAULT, 1996)

Ao professor Jones.

Sumário

Introdução----4
I Capítulo - Histórico de Pontes e Lacerda----6
1.1 - Localização Geográfica----6
1.2 - As raízes históricas----7
1.3 - A chegada dos imigrantes paulistas----10
1.4 - Decreto de criação do município----12
1.5 - Dados sociais e econômicos do município----13
II Capítulo - Os sentidos constituídos na/ pela história (fundadora de Pontes e Lacerda) ----16
2.1 - A Análise de Discurso como procedimento teórico----16
2.2 - A rede de sentidos que atestam a história da fundação de Pontes e Lacerda----19
2.3 Esquecimento X Silenciamento----21
2.4 Corpus para análise----22
Texto I ----22
Texto II ----25
Texto III----29
Texto IV----31
III Capítulo----38
3.1 - A história como condição de produção----38
3.2 - A história na produção dos sentidos----40
3.2.1 - Recorte I ----41
3.3 - O assujeitamento como evidência----47
IV Capítulo - Análise de relatos (legitimados)----49
4.1 - O discurso institucional----49
4.2 - O silêncio constitutivo na história (de Pontes e Lacerda)----52
4.2.1 - Recorte IV----53
4.2.2 Recorte V----53
4.2.3 - A política do silenciamento----54
4.3 - Silenciamento X Etnia----55
4.4 - A nomeação como forma de silenciamento----56
4.4.1 - Recorte VI----57
Considerações Finais----59
Bibliografia----60

# Introdução

Pensar nos processos de constituição dos sentidos na/ pela história põe-se como premissa básica para o pesquisador que busca através do discurso perceber a ampla e intricada rede de formações discursivo-ideológicas situada na base de constituição do complexo processo de significação.

Sabe-se que sob a ação da força gravitacional dos processos de significação, os sentidos são produzidos por um efeito ilusório de fixação, organizado e instituído socialmente. Em outras palavras pode-se dizer que há um processo social de atribuição dos sentidos caracterizado fundamentalmente pela existência de dois pólos hipoteticamente antípodas em suas configurações: a instância das vozes que instalam o "consenso", cuja marca primordial insta-se na administração da produção dos sentidos, assim como na determinação da fronteira entre o dito e o silenciado e, a instância das vozes que incorporam e perpetuam o discurso legitimado pelas autoridades através de um efeito ideológico, que é o da produção de uma ilusão de unicidade do sentido.

A base de reflexão que corroborou a possibilidade de realização de um trabalho científico que contemplasse simultaneamente o funcionamento dos sentidos silenciados ou não nas narrativas orais e escritas na/ da fundação de Pontes e Lacerda irrompeu com a questão do silenciamento, tratada à luz da teoria do discurso e, cujos pilares resumem-se na concepção de silêncio presente na assertativa que se segue, a de que o silêncio como elemento constitutivo dos processos de significação garante a movimentação dos mesmos na rede das relações discursivas.

Pensando desse lugar, pôs-se para mim a necessidade premente de centrar no escopo de minha investigação, a compreensão dos modos como os sentidos funcionam

Pensando desse lugar, pôs-se para mim a necessidade premente de centrar no escopo de minha investigação, a compreensão dos modos como os sentidos funcionam nos discursos (legitimados ou não) que versam sobre a fundação de Pontes e Lacerda. Tal recorte edificou-se a partir da leitura de excertos da tese de doutoramento em Antropologia Social intitulada "Vila Bela: Território Branco, Espaço Negro - Um estudo de identidade étnica, de Maria de Lourdes Bandeira de Lamônica Freire. Trabalhando aspecto sócio-econômicos-culturais, a autora estabelece uma exposição dos principais fatos históricos que perpassaram a constituição da civilização vilabelense e, ali no interior de uma multidão de acontecimentos e dados aparecem pálidas alusões ao surgimento e existência do núcleo habitado originariamente fundado em razão da necessidade de instalação de uma estação telegráfica numa zona disputada territorialmente por diversas nações sul-americanas.

Propondo um deslocamento, põe-se a questão da depreciação, contrariamente à impressão de elevação do município de Vila Bela à categoria de patrimônio histórico de acordo com o texto "Vila Bela: Território Branco, Espaço Negro - Um estudo de identidade étnica", de Maria de Lourdes Bandeira de Lamônica Freire. Nesse espaço, pode-se asseverar que aparentemente o que se tem determinado pelas formações discursivas que estabelecem a história da fundação de Pontes e Lacerda, rutila em subverter a magnitude da participação e/ ou importância de Vila Bela no processo de constituição sócio-histórico de Pontes e Lacerda.

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

# I Capítulo - Histórico de Pontes e Lacerda

## 1.1 - Localização geográfica

O município de Pontes e Lacerda situado na porção Oeste do Estado de Mato Grosso limita-se ao Sul com os municípios de Jauru e Porto Esperidião; ao Norte com os municípios de Campos de Júlio e Nova Lacerda; a Leste com os municípios de Barra do Bugres e Tangará da Serra e, a Oeste com o município de Vila Bela da Santíssima Trindade e com a República da Bolívia.

Em termos de localização geográfica o município de Pontes e Lacerda integra a mesorregião 129 e a microrregião 529 do Alto Guaporé estabelecido no sudoeste mato-grossense.

As bases geográficas do municípios de Pontes e Lacerda correspondem a uma área de 14.747, 11 Km2, tendo como coordenadas 14° 40' 45" de latitude sul e 56° 51' 40" de longitude oeste Gr.

O relevo, assentado consecutivamente sobre coberturas não dobradas do Fanerozóico, Bacia Quaternária do Guaporé, coberturas dobradas do Proterozóico com granitóides aglomerados, Grupo Aguapeí, complexos metamórficos arqueanos ou pré-cambrianos indiferenciados, Complexo Basal e, sobre a Faixa Móvel Rondoniana, apresenta como formações mais notáveis, a Chapada dos Parecis, o Planalto Residual Guaporé e a Serra de Santa Bárbara.

A rede hidrográfica que perpassa o município de Pontes e Lacerda pertence à Grande Bacia do Amazonas, para a qual contribuem as do Guaporé e do Juruena. De

acordo com documentação historiográfica[1] "o município guarda o ponto de estrangulamento oeste do maior divisor de águas da América Latina. O divisor ruma para o leste, alcançando o estrangulamento na região do paralelo 14° 30' latitude sul e meridiano 55° oeste Gr. A seguir o divisor toma o rumo SE até encontrar o estrangulamento extremo leste na região do paralelo 18° e do meridiano 51° oeste Gr.".

Situado numa zona de confluência de três grandes paisagens naturais brasileiras, a Amazônia, o Cerrado e o Complexo do Pantanal e a uma altitude média de 252 m., o município de Pontes e Lacerda possui um clima classificado como tropical quente e sub-úmido, com quatro meses de seca, dispostos entre junho e setembro. A temperatura observada estabelece-se em torno dos 24°C, oscilando os pontos de divergência da amplitude térmica entre 0° C e 38°C.

O volume de chuvas anualmente analisado aparece estipulado em uma precipitação de 1.500 mm, sendo o período de maior concentração observado entre os meses de dezembro e fevereiro.

## 1.2 - As raízes históricas

As raízes históricas do município de Pontes e Lacerda vinculam-se à imemorial data de 19 de março de 1752, quando deu-se a fundação de Vila Bela na antiga localidade de Pouso Alegre, a qual de acordo com dados geográficos posicionava-se a partir das coordenadas de 15° 00' 28" de latitude sul e 59° 57' 06" de longitude W de Gr.

---

[1] FERREIRA, *João Carlos Viscente.* Mato Grosso e seus municípios. *Secretaria do Estado de Educação.* 19ª ed., 1997.

Em 24 de outubro de 1818, Vila Bela é congratulada com foros de cidade, acontecimento firmado através da criação de um alvará que alterou o nome do município para Mato Grosso. Tal denominação apareceu nos documentos oficiais até o ano de 1978, quando por meio da criação da Lei nº 4014, de 29 de novembro, tem-se recuperada a antiga denominação que perpetuou-se graças à tradição histórica: Vila Bela da Santíssima Trindade.

Município possuidor de uma imensa extensão territorial, cujos domínios estendiam-se desde a totalidade do município de Pontes e Lacerda a grande parte do Estado de Rondônia, Vila Bela começou a sofrer uma sangria em sua integridade territorial por determinação da Lei nº 566 de 27 de Setembro de 1911, quando deu-se a criação do município do Santo Antonio do Rio Madeira. Mais tarde pelo estabelecimento do Decreto-Lei Federal nº 5812, em 13 de setembro de 1943, que sancionava a formação do Território Federal do Guaporé, hoje Estado de Rondônia, Vila Bela sofria a perda de uma vasta faixa de terras situadas abaixo do Rio Cabixi, afluente da margem direita do Rio Guaporé.

Outro desembramento deu-se com a implantação da Lei nº 3.818, de 03 de dezembro de 1976, que criava o distrito de Pontes e Lacerda, o qual conseguiu sua emancipação política através da Lei nº 4.167, de 29 de dezembro de 1979. Novamente, Vila Bela sofria uma perda territorial, toda a área sudeste compreendida entre os altos cursos do Rio Juruena e seu afluente Sucuri, do Rio Galera e do Rio Barbado, constituía a partir da sanção da Lei nº 4.167, o município de Pontes e Lacerda.

Considerando a zona territorial que hoje constitui o município de Pontes e Lacerda, pode-se afirmar que os primeiros habitantes dessa área foram os índios pertencentes à Nação Nambikwára, denominados pelos primeiros exploradores que aqui aportaram, como cabichis ou cavichis.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Remontando ao início do século XX, tem-se instaurados os primeiros registros históricos relevantes acerca de movimentação na região de Pontes e Lacerda.

Em 1906, a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, igualmente denominada Comissão Rondon, passou a interessar-se pelas terras situadas a leste de Vila Bela, dando início ao trabalho de implantação de uma estação telegráfica à margem direita do Rio Guaporé, num ponto intermediário entre os municípios de São Luís de Cáceres (Cáceres) e Mato Grosso (Vila Bela da Santíssima Trindade).

Dado o vazio demográfico, patente naquela bravia região praticamente inexplorada, tornou-se premente a necessidade da designação de funcionários para a manutenção da linha telegráfica. Para tal, a Comissão Rondon propôs à função de encarregado geral, o Sr. Antônio Colombo, à função de atendente de telefonia do Sr. Emiliano Coleta da Cunha e à função de guarda da linha, o Sr. Benedito Francisco da Silva.

A 19 de julho de 1909, o governador da província de Mato Grosso, Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa, por meio do Decreto, por meio do Decreto nº 227, destina 3.600 hectares de terras devolutas a fim de instaurar os limites do centro de povoação, bem como o seu desenvolvimento, uma vez que erigia-se naquele local um posto telegráfico estratégica na imensidade da linha que ligava o Rio de Janeiro ao Acre. Todavia, de acordo com fontes bibliográficas, o desenvolvimento da povoação de Pontes e Lacerda deu-se de forma lenta em decorrência do isolamento a que essa região estava submetida.

Registros escritos retomam o percurso histórico somente a 22 de novembro de 1947, quando ocorreu a chegada do Sr. Mariano Pires de Campos, que margeando o Rio Guaporé em companhia de vinte e dois índios, chegou à povoação em busca da poaia.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Cerca de quatro anos depois o governo envia o engenheiro Wilton, cujo missão centrava-se na realização de medições das bases territoriais da povoação de Pontes e Lacerda.

## 1.3 - A Chegada dos imigrantes paulistas

Em 1955, segundo informações presentes em alguns históricos, a região tornou-se de fato conhecida com a migração de agricultores paulistas, dos quais colocou-se como figura reconhecida, o Sr. Benedito, oriundo da cidade de Garça, no Estado de São Paulo. Organizadas em clãs, no que diz respeito à procedência geográfica, as famílias de agricultores paulistas afixaram-se na área denominada São José, onde deram início ao plantio de monoculturas.

Em 02 de Setembro de 1955, o Sr. Jorge Lemos, um agrimensor a serviço da Colonizadora Sul Brasil, inicia a mediação de terras na localidade conhecida hoje como Pindaítuba.

Em 1960, uma nova leva de migrantes provenientes da cidade de Barretos, Estado de São Paulo, aportou na região sob o comando do Sr. Joaquim Goulart. Instalando-se às margens do Córrego da Onça, o Sr. Joaquim Goulart deu início ao plantio dos primeiros pastos daquelas paragens, abrindo uma fazenda. Outro fator que estigmatizou a chegada do Sr. Joaquim Goulart ao futuro município de Pontes e Lacerda foi construção de uma pequena igreja, no primeiro núcleo habitado da povoação, denominado pelos migrantes como "Vila dos Pretos", a fim de instaurar a entronização de uma imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Dois anos mais tarde um acontecimento marcante deu-se, a chegada em Pontes e Lacerda do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem - DNER, cujo objetivo centrava-se na abertura de uma estrada que ligasse a povoação à Vila Bela. Finda a construção da rodovia, o cozinheiro da construtora Manoel Basão, decidiu fixar-se em Pontes e Lacerda, construindo um barraco situado no local, onde anos mais tarde dispor-se-ia a Avenida Marechal Rondon.

Consta nos registros históricos, que em 1962, o Sr. Máximo Assunção, fiscal da linha telegráfica levava cerca de quatro dias para percorrer o trajeto entre Pontes e Lacerda e Esperidião da Costa Marques. Neste mesmo ano, os ataques dos índios nambikwáras ainda eram freqüentes e, segundo relatos, o poaeiro Messias Senábio, morador da região sofreu uma série de investidas advindas dos indígenas.

Ao longo dos primeiros anos da década de 60, o número de famílias que instalaram-se na povoação não era significativo.

Em 12 de maio de 1962, aportaram as famílias Arantes e Azambujas, oriundas da cidade de Três Lagoas, Estado de Mato Grosso do Sul.

Gradativamente, o barraco de Manoel Basão viu-se cercado por outros, que aos poucos, constituiriam um pequeno núcleo organizado, distante cerca de três quilômetros do marco de fundação de Pontes e Lacerda, a "Vila dos Pretos".

Iniciada a década de 70, o governo federal incentivou o desenvolvimento da região oeste do Brasil, através de programas que enfatizavam a necessidade da abertura de rodovias que facilitassem o acesso à áreas anteriormente isoladas.

Desse modo, o Estado de Mato Grosso desenvolvia-se a largos passos, em razão dos programas governamentais de desenvolvimento nacional, igualmente Pontes e Lacerda viu-se tomada por um crescimento repentino. A abertura de rodovias favoreceu sobremodo o afluxo de migrantes à região, atraiterras fartas e de boa qualidade.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

A 30 de abril de 1970, deu-se em Pontes e Lacerda a nomeação do Sr. Getúlio de Lima Arantes ao cargo de primeiro encarregado da Vila de Pontes e Lacerda, pelo presidente da Codemat[2]. O Sr. Getúlio de Lima Arantes utilizando-se de um aparelho de fabricação própria, semelhante a um teodolito, deu início à demarcação da Avenida Marechal Rondon.

## 1.4 - Decreto de criação do município

Progressivamente a vila de Pontes e Lacerda foi sendo tangeciada pelo desenvolvimento ao modo capitalista, a população crescia, e a cidadela ganhava novos desenhos. Esse crescimento gradual elevou a vila à categoria de Distrito do município de Vila Bela da Santíssima Trindade, através da sanção da Lei nº 3.813, de 06 de dezembro de 1976, pelo então governador do Estado de Mato Grosso, Dr. José Garcia Neto.

Aproximadamente três anos mais tarde, em 29 de dezembro de 1979, o governador Frederico Carlos Soares de Campos decreta a criação do município de Pontes e Lacerda, desmembrando uma área de terras do município de Vila Bela da Santíssima Trindade, por meio da Lei nº 4.167, formulada pelo deputado Ubiratan Spinelli. Contudo, a instalação oficial deu-se somente em janeiro de 1981, quando ocorreu a nomeação do Sr. Gercino Rodrigues de Souza, primeiro prefeito municipal de Pontes e Lacerda.

O binômio que intitula a estação da antiga povoação que intitula a designação da antiga povoação que circundava a estação telegráfica à margem direita do Rio Guaporé, surgiu de acordo com afirmações postas por históricos legitimados pela Unemat e órgãos governamentais, como uma homenagem a dupla de astrônomos e cartógrafos Antônio

[2] Denominação dada à Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso.

Pires da Silva Pontes e, Francisco José de Lacerda, formados pela famosíssima Universidade de Coimbra. Estas ilustres figuras desenvolveram estudos nessa área no final do século XVIII, quando elaboraram a primeira carta geográfica dos rios que atravessavam a região do Alto Guaporé.

Pontes e Lacerda viu-se perpassada pelos "ventos da democracia" em 1° de fevereiro de 1981, quando tomou posse o Sr. Dionir de Freitas Queiróz, primeiro prefeito eleito pelo voto direto. Em 1° de janeiro de 1989, foi empossado o Sr. Dauri Alves Mariano, o segundo prefeito eleito.

A 1° de janeiro de 1993, o Sr. Dionir de Freitas Queiróz foi novamente em passado como prefeito municipal, sendo substituído em novas eleições realizadas em 1996, pelo Sr. Décio Cipriano Maniçoba.

Município, cujo desenvolvimento foi favorecido pelo asfaltamento da BR - 364, que liga Cuiabá a Porto Velho, Pontes e Lacerda apresenta uma população de 40.452 habitantes, segundo dados do censo realizado pelo IBGE em 1996. Por seu turno, o TRE no ano supracitado apontou um total de 25.861 eleitores na sede municipal, assim como em seus distritos, denominados São Domingos e Conquista D'oeste.

Os dados indicados anteriormente foram retirados de uma compilação que versa sobre os municípios que compõem o Estado de Mato Grosso.

## 1.5 - Dados sociais e econômicos do município

Partindo da utilização de um levantamento estatístico elaborado pela Prefeitura Municipal de Pontes e Lacerda pode-se expor os seguintes dados sociais e econômicos do município supracitado:

População:

Urbana: 27.500

Rural: 15.000

Total: 42.500 habitantes

Área em m2 do município:

Urbana: 7 km2

Rural: 13. 162,50 km2

Total: 13.169,50 km2

Quantidade de Comércios/Indústrias/Autônomos/Escola

Comércio: 430

Indústrias: 70

Autônomos:38

Hospitais: 04

Escolas no setor rural: 65

Escolas estaduais: 09

Escolas Particulares: 06

Bancos: 03

Quantidade de propriedades rurais

Até 10 HAS: 60

11 a 50 HAS: 1.705

51 a 100 HAS: 1.073

101 a 200 HAS: 394

201 a 500 HAS: 197

Acima de 500 HAS: 439

Total: 3.866

Agricultura - Estimativa de produção para 1998 em toneladas

Milho: 8.000

Feijão: 480

Arroz: 2.240

Algodão: 112.000 Arrobas

Café em Coco: Sem estimativas

Café em nº de plantas: Sem estimativas

Pecuária de corte e leite - Bovinos

Bois na engorda: 186.560

Vacas de cria: 161.120

Bezerros fêmeas/machos: 145.227

Total: 492.907 reses

Principal faturamento econômico:

Agropecuária

Comércio

U N E
Campus Universitário de [illegible] - MT
BIBLIOTECA

Propriedades Urbanas:

Residências: 7.100

Lotes: 3.200

Total: 10.300

## II Capítulo - Os sentidos constituídos na/ pela história (fundadora de Pontes e Lacerda)

### 2.1 - A Análise de Discurso como procedimento teórico

No escopo da linha teórica adotada, o discurso assume uma posição fundamental no problema da compreensão do funcionamento dos sentidos. Trabalhando num lugar de reflexão cuja proposta básica não é a acumulação de conhecimento, mas sim a discussão ininterrupta dos pressupostos que a constituem, a Análise de Discurso (corrente de pensamento organizada na França por Michel Pêcheux na década de 60, e que teve como elementos oficiais de inauguração as publicações da revista Languages 13 e do livro Análise Automática do Discurso, de M. Pêcheux) propõe um deslocamento no que concerne ao modo de abordagem de noções como as de linguagem, história e sujeito.

Interpondo-se no espaço contraditório das relações entre disciplinas firmadas simultaneamente nas ciências da linguagem, da história e do sujeito, a Análise de Discurso não estatui-se como uma interdisciplina, pois estabelece um recorte peculiar, cuja característica primordial é procurar compreender a língua não somente como estrutura, mas como acontecimento por meio do qual pode-se observar o modo de afetação do sujeito na/ pela história, assim como a constituição do mesmo na/ pela sua relação com o simbólico.

Faz-se necessário asseverar que, herdadndo consecutivamente o aparato teórico estabelecido por três regiões do conhecimento (a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise) e trabalhando a relação contraditória entre elas, a Análise de Discurso não retoma noções e as trabalha sob os moldes da subserviência, mas produz um recorte singular que abre espaço para a constituição de um objeto, que conseqüentemente irromperá, ocasionando instabilidade no espaço de conjunção das três regiões do conhecimento que fornecem o legado para a formação da Análise de Discurso enquanto disciplina universitária, detentora de sua própria especificidade.

Se o objeto teórico da Análise de Discurso é por excelência o discurso, este em primeira instância deve ser entendido como um lugar de reflexão e, em conseqüência pode-se dizer que o discurso fornece elementos para a constituição do processo de significação, sendo o palco, no qual apresentam-se a língua, a história, o sujeito e a ideologia. Por conseguinte, é no discurso que os sentidos são produzidos, no amálgama da imensa teia de relações que o perpassam, expondo na materialidade entre o lingüístico e o ideológico.

Sob o pórtico da teoria do discurso, o analista, utilizando-se de procedimentos específicos, busca compreender a produção de sentidos. Reflete-se, aqui, na natureza da função desempenhada pelo analista frente a observação dos processos e mecanismos de constituição do sujeito e dos sentidos e, pode-se dizer que não é dado ao analista o poder de interpretar todas as instâncias do processo de significação, mas sim a possibilidade de construção de um dispositivo analítico que vislumbre de fato a elaboração da questão que fomentará a análise proposta e sua finalidade, assim como o corpus a ser analisado.

Desse modo, é afirmado que ao analista imputa-se à formulação da questão que institui a necessidade da análise, haja vista ser através dessa responsabilidade que a relação do analista com o discurso é ordenada, viabilizando a construção de um

dispositivo que estatua a utilização de conceitos ou procedimentos teóricos dados. De acordo com Orlandi (1999: 27) "sua prática de leitura (do analista), seu trabalho com a interpretação, tem a forma do seu dispostivo analítico."

Uma vez estabelecida a questão sobre a qual o analista alçará sua análise, dar-se-á início à compreensão do processo discursivo, sendo que o ponto de partida insta-se na consideração de que o sentido sempre pode ser outro e de que o sujeito não tem o controle daquilo que diz.

Considerando que no discurso pode-se constatar as formas sócio-históricas de produção dos sentidos proponho-me nesse espaço de reflexão a efetuação de uma análise que contemple a participação decisiva da determinação histórica sobre os processos de significação utilizando-se de um aparata teórico que estabeleça um deslocamento no modo de concepção da linguagem.

A Análise de Discurso propõe um lugar de reflexão que volta-se simultaneamente para a compreensão dos modos de produção de sentidos por meio de um objeto simbólico, assim como este investe-se de significância para e por sujeitos. Por conseguinte, diante de tal conjuntura faz-se possível a realização de um análise, cujo tema institui-se na compreensão do funcionamento dos sentidos silenciados ou não nas narrativas orais e escritas na/ da fundação de Pontes e Lacerda.

Definido o espaço de análise coloco-me ante o lugar teórico proposto pela Análise de Discurso e, utilizando-me dos seus procedimentos práticos de análise buscarei sobremodo compreender o modo de silenciamento dos sentidos naquilo que diz respeito à participação ou importância de Vila Bela nos documentos que constituem/fundam o município de Pontes e Lacerda.

## 2.2 - A rede de sentidos que atestam a história da fundação de Pontes e Lacerda

A proposta de análise aqui apresentada parte da questão do funcionamento dos sentidos silenciados ou não, nas narrativas orais ou escritas da/ na fundação de Pontes e Lacerda. Por seu turno, o recorte do objeto afigura-se na análise do silenciamento de Vila Bela ante o discurso de emancipação de Pontes e Lacerda, problema por meio do qual pretender-se-á atingir o processo discursivo que encampa a rede de sentidos que atestam a história da fundação de Pontes e Lacerda.

Historicamente a região em que se dispõem Vila Bela da Santíssima Trindade e Pontes e Lacerda sofreu uma intervenção da política colonialista das grandes potências européias do século XVI, que acirradamente digladiavam-se ante a perspectiva da posse global das terras americanas.

Face à busca desenfreada pelas riquezas existentes no Novo Mundo, os europeus deram início a uma corrida inescrupulosa caracterizada pela determinação de áreas territoriais a serem exploradas por esta ou aquela nação.

A bipartição das terras do Novo Mundo foi deflagrada por Portugal e Espanha, que ao longo da história estabeleceram entre si tratados e acordos que asseguravam a posse de extensões territoriais em consonância com interesses recíprocos. Pode-se citar, o conhecidíssimo Tratado de Tordesilhas que a partir de 1494 começou a vigorar, ampliando a área de dominação lusa para 370 léguas além do que fora sancionado pela proclamação da Bula Intercoetera pelo papa Alexandre VI ao desempenhar o papel de árbitro internacional dividindo o globo por uma linha imaginária frente à descoberta da América pelo navegador genovês Cristóvão Colombo, numa expedição patrocinada pelos rei espanhol Fernando e sua consorte, a rainha Isabel.

Sentenciado o sofrer uma sangria no que diz respeito aos seus recursos naturais, o Brasil teve em seu território um elemento disputadíssimo pelos primos ibéricos. Inicialmente os portugueses concentraram-se no litoral, mas paulatinamente empreenderam campanhas rumo ao interior, ultrapassando os limites da imaginária Linha de Tordesilhas, estabelecendo as fronteiras definitivas do Brasil.

Tal expansão territorial, mormente no que concerne à ocupação da região Centro-Oeste caracterizou-se pela existência de expedições desbravadoras conhecidas como "entradas" e "bandeiras". De que se tem registrado, a notícia da chegada do primeiro sertanista de origem paulista à zona mato-grossense deu-se em 1670, quando Manoel Côrrea, navegando pelo rio das Mortes acampou em sua margem esquerda, junto ao aldeiamento do gentio Araés.

Anos mais tarde, precisamente em 1718, Pires de Campos, bandeirante, navegando pelo rio São Lourenço, numa confluência passou para o rio Cuiabá, chegando até a barra do Coxipó-Mirim, cenário de uma luta entre exploradores e indígenas. A existência de índios no Coxipó-Mirim ecoou pela Colônia, trazendo figuras como Pascoal Moreira Cabral para as terras que mais tarde constituiriam a Província de Mato Grosso.

A capitania de Mato Grosso propriamente dita teve sua fundação decretada a 9 de maio de 1745, por meio de uma Carta Régia instituída pelo governo português. A nomeação do governador da capitania incidiu sobre a pessoa de Dom Antônio Rolim de Moura Tavares.

Em 19 de março de 1752, Dom Antônio Rolim de Moura Tavares à margem direita do rio Guaporé, no sítio denominado Pouso Alegre, obedecendo instruções postas pelo governo português, fundou Vila Bela da Santíssima Trindade como ponto estratégico na ambiciosa luta pela possessão das terras da fronteira oeste entre hispânicos e lusos.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Desde sua instalação como sede do governo provinciano Vila Bela da Santíssima Trindade passou por um intenso processo de transformação. Tida como marco defensivo do Brasil frente às investidas espanholas e, ainda como grande pólo de mineração, de onde as minas auríferas produziam em quantidades dantescas o precioso metal, Vila Bela aos poucos foi perdendo seu "status" de Princesa do Guaporé. Tal mudança teve como efeito principal, a decadência da mineração, que conseqüentemente ocasionou a transferência da capital para Cuiabá.

## 2.3 - Esquecimento X Silenciamento

Uma vez perdida a titulariedade de capital da Província de Mato Grosso, restou a Vila Bela da Santíssima Trindade um legado histórico caracterizado pela esquecimento. Por um longo período a cidade, bem como as regiões circunvizinhas permaneceram alheias aos fatos ocorridos no mundo exterior. O isolamento delegado por causas históricas adicionou características peculiares à constituição de Vila Bela, a qual sofre um silencimaneto após a abertura da região incentivada pela política de interiorização proposta principalmente pelos governos militares.

Se é nesse ponto que se avoluma todas as indagações que pontuam e fornecem matéria para a proposição dessa análise, buscar-se-á conseqüintemente o modo pelo qual funcionam os sentidos no discurso que institui a emancipação de Pontes e Lacerda e o conseqüente silenciamento de Vila Bela.

Retomando Orlandi (1998: 13) "não existe discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. É da remissão do discurso à formação discursiva e da delimitação desta pela sua relação com a formação ideológica que qualquer prática de linguagem adquire

sentido." Em consonância, pode-se dizer que subsistem sentidos funcionando no discurso que oficializa a fundação do município de Pontes e Lacerda, sentidos estes que aparentemente silenciam outros e que impregnam as páginas da história de intensa movimentação no Corpus para análise espaço do simbólico.

## 2.4 - Corpus para análise

Os textos utilizados como corpus da análise aqui proposta, seguir-se-ão numa apresentação integral, exposto de acordo com a especificidade para a qual apontam. Em dois deles encontra-se-á o histórico do município de Pontes e Lacerda em conformidade com as instituições universitária e governamental, os outros, que resumem-se em duas entrevistas, por-se-á a história da fundação de Pontes e Lacerda a partir da visão de um dos mais antigos moradores de Vila Bela da Santíssima Trindade, o Sr. Elízio Ferreira de Souza e, igualmente dos relatos obtidos através do depoimento dado pela Sra. Ervelina moradora da Vila Guaporé, o primeiro núcleo habitado em Pontes e Lacerda.

Texto I

Estado de Mato Grosso

Fundação Centro de Ensino Superior de Cáceres

Histórico do Município de Pontes e Lacerda

As primeiras notícias do que veio chamar-se mais tarde, Pontes e Lacerda, remontam ao ano de 1784, quando foi elaborada a primeira carta geográfica dos rios da

região, partindo de Vila Bela da Santíssima Trindade, no Rio Guaporé, caudatório da Bacia Amazônica, até o Rio Jauru, afluente do Rio Paraguai, formados da Bacia do Prata. Acompanhavam as operações o Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, os astrônomos e cartógrafos Antônio Francisco da cunha "Pontes" e Francisco José de "Lacerda" e Almeida, de cujos nomes surgiu o binômio Pontes e Lacerda.

O conhecimento efetivo da região verificou-se em 1906, foi quando Marechal Rondon, instalou o primeiro Posto dos Correios denominando o local de Pontes e Lacerda. Como encarregado da linha telegráfica ficou Antônio Colombo e Emiliano Coleto da Cunha que cuidava do tráfego e o Senhor Benedito Francisco da Silva que era guarda da linha, era o começo da Vila dos "Pretos".

O então governador Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa através do Decreto nº 227, de 19 de Julho de 1909, destinou 3.600 (três mil e seiscentos) hectares de terras devolutas, para o centro da futura povoação na zona atravessada pela linha telegráfica para o Acre. O desenvolvimento se fez muito lentamente, em função das condições adversas da época, pela total falta de estradas. Passaram-se longos anos sem que se registrasse algum fato histórico relevante. Somente em 22 de novembro de 1947, chega em Pontes e Lacerda, Mariano Pires de Campos, poaeiro, que veio a pé, margeando o Rio Guaporé, em companhia de 22 índios. Em 1951, por volta deste ano chega o engenheiro Welton que cumprindo ordens do governo fez algumas medições, somente a partir de 1955 a região tornou-se conhecida com a vinda de agricultores paulistas, como o Sr. Benedito (Garças - SP), fizeram a primeira derrubada e plantaram a 1ª roça de arroz, milho e feijão, colhendo 200 sacas. Em 02 de setembro, chega o agrimensor Jorge Lemos a serviço da Sul Fabril, na mediação de terras. Os índios Nhambiquaras, moradores da região, freqüentemente atacavam os moradores. Em 1906, aportou

Joaquim Goulart, vindo de Barretos (SP), indo abrir fazendo à margem do Córrego da Onça, este trouxe uma imagem de N.S. Aparecida.

Em 1961, o DNER abriu a rodovia ligando Pontes e Lacerda à Vila Bela da Santíssima Trindade, de cujo município fazia parte. Com o término da obra, o cozinheiro da construtora da rodovia resolveu ficar com a família, construindo um barraco, onde hoje é a Avenida Marechal Rondon, cujas demarcações definitivas somente feitas em 1970.

Em 1962, Máximo Assunção foi fiscal da linha telegráfica, percorria o trecho de Pontes e Lacerda a Esperidião da Costa Marques, a cavalo, levava neste percurso de 3 a 4 dias. Ainda neste ano chega o poaeiro Messias Senábio, este foi atacado várias vezes por índios Nhambiquaras.

Até este ano a Vila permaneceu estagnada, atraindo um pequeno número de agricultores que por aqui permanceram.

Em 12 de maio chegam as famílias Azambuja e Arantes, vieram da cidade de Três Lagoas, num comboio de 3 caminhões, construíram casas, fizeram picadas e plantaram roças. As famílias unidas acompanham e participam ativamente do desenvolvimento da cidade.

Nomeado em 30 de abril de 1970, pelo então Presidente da Codemat, o Sr. Getúlio de Lima Arantes ao cargo de 1° encarregado da Vila de Pontes e Lacerda, foi este que fez a demarcação da Avenida Cândido Rondon, usando um aparelho fabricado pelo mesmo de madeira parecendo um pouco com o teodolito.

Em virtude do desenvolvimento lento, mas progressivo verificou em Pontes e Lacerda, Dr. José Garcia Neto (governador) elevou o povoado à categoria de Distrito do município de Vila Bela da Santíssima Trindade, através da Lei nº 3.813, de 06/12/1976.

Em razão da excelência das suas terras, próprias para vários tipos de cultura e principalmente para a pecuária, muita gente de fora começou a chegar, principalmente de São Paulo e Minas Gerais abrindo fazendas, em vista do baixo custo das terras amplas e disponíveis. Assim o progresso foi se impondo, forçando a elevação do distrito à categoria de município, o que se deu com a Lei nº 4.167, de 29 de dezembro de 1979, sancionada pelo Governo Frederico Carlos Soares de Campos.

Outro motivo que contribui para o rápido crescimento demográfico foi a descoberta de ouro, nos garimpos da Serra de Santa Bárbara e do Caldeirão, cuja produção mensal gera em torno de 360 quilos, livremente comercializados na sede do município.

Apesar de criado em 29/12/79, o município somente foi instalado em janeiro de 1981, com a posse do 1° administrador de Pontes e Lacerda, o Sr. Gercino Rodrigues de Souza, que governou até 31/01/83, quando tomou posse o 1° prefeito eleito pelo voto, em 15/11/82, o Sr. Dionir de Freitas Queiróz, cujo mandato se iniciou precisamente no dia 1° de fevereiro de 1983, terminando em 31 de dezembro de 1988, quando foi empossado, a 1° de janeiro de 1989, o segundo prefeito eleito em 15 de novembro de 1989, Dr. Dauri Alves Mariano.

Texto II

Pontes e Lacerda

Histórico - Os primeiros habitantes da região do município de Pontes e Lacerda foram os índios do povo nhambikwára. Os paulistas devassadores da região, nos primeiros tempos denominaram esses índios de cabichis ou cavichis.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Hoje em dia a denominação cabichi é utilizada entre os índios do povo paresi, para um grupo da sua própria tribo, que é tratado como antropófago na cultural tribal.

Apesar da dizimação da tribo por preias dos paulistas e problemas de aculturação, ainda hoje uma parte do povo nambikwára mantém vida organizada no município, em área indígena denominada Sararé. Nesta mesma área, em 1987, habitavam 41 índios.

Grande mérito teve o padre Antonio Tási Júnior na estabilização dessa área indígena, contribuindo decididamente para superar as crises provocadas por fazendeiros da região, sendo necessária a intervenção do exército para a demarcação da reserva.

No tempo histórico escrito, a região de Pontes e Lacerda teve movimentação antiga. Acompanhou a movimentação dos garimpos da região de Vila Bela da Santíssima Trindade. No entanto, não ficou registro histórico de maior monta.

Em 1906 a região passou a ser objeto de trabalho da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, comumento denominada Comissão Rondon.

Pontes e Lacerda era estação telegráfica na linha variante entre Cáceres (cidade então denominada São Luís de Cáceres) e Mato Grosso (então denominação de Vila Bela da Santíssima Trindade).

A denominação Pontes e Lacerda é recente, mas tem origem nos nomes dos astrônomos e cartógrafos Antonio Pires da Silva Pontes, que era mineiro e Francisco José de Lacerda e Almeida - paulista. Ambos eram diplomatas pela Universidade de Coimbra - Portugal. O binômio Pontes e Lacerda, honra os dois astrônomos.

Os dois ilustres cartógrafos e astrônomos elaboraram em 1784 a primeira carta geográfica dos rios da região, partindo de Vila Bela, rumando para o Rio Jauru. Foram descritos assim os rios das bacias Amazônica e Prata.

Para os trabalhos da linha telegráfica, a Comissão Rondon designou na função de encarregado geral o sr. Antônio Colombo; Emiliano Coleta da Cunha, atendente de telefonia e filho de Antonio Colombo; Benedito Francisco da Silva - guarda da linha.

Nesse tempo o local começou a ser conhecido também como Vila dos Pretos.

A 19 de julho de 1909, o governo destinou 3.600 hectares de terras para o centro da povoação.

O desenvolvimento, no entanto, caminhou lentamente.

A 22 de julho de 1947, Mariano Pires de Campos chegou a Pontes e Lacerda, a pé acompanhado de 22 índios do povo paresí, em marcha seguindo o Rio Guaporé, ocupando-se com a extração de poaia.

Em 1952, o engenheiro Wilton, a mando do governo, realizou as primeiras medições, bem como a locação de fazendas da região.

Em 1955, o Sr. Benedito, da cidade de Garças, Estado de São Paulo, estabeleceu-se na região denominada São José, acompanhado de várias famílias. Plantaram arroz, milho e feijão. A safra foi generosa, só de arroz colheram 200 sacas.

A 2 de setembro desse mesmo anto, teve início a medição de terra da Colonizadora Sul Brasil, na localidade de Pindaítuba. O chefe da colonização era Jorge Lemos.

No ano de 1960, chegou o Sr. Joaquim Goulart, proveniente de Barretos, Estado de São Paulo. Trouxe consigo algumas famílias e abriu uma fazenda nas margens do Córrego da Onça, plantando os primeiros pastos do futuro município de Pontes e Lacerda.

Joaquim Goulart trouxe consigo uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Logo construíram uma pequena igreja, na Vila dos Pretos, entronizando a santa.

Em 1962, chegou a Pontes e Lacerda uma equipe do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem - DNER, a fim de abrir estrada em direção à Vila Bela da Santíssima Trindade.

Terminada a estrada, o cozinheiro da equipe construtora, Manoel Basão, permaneceu em Pontes e Lacerda, construindo um barraco onde atualmente se situa a Avenida Marechal Rondon.

As novas famílias, que vinham chegando a Pontes e Lacerda (que ainda não tinha esta denominação) foram se localizando junto ao barraco de Manoel Basão. Este ajuntamento de barracos e pequenas casas distava em torno de 3 quilômetros da antiga Vila dos Pretos.

Nesta época as famílias provinham mais dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. Posteriormente vieram de outros lugares, especialmente da região norte paranaense.

O desenvolvimento geral de Mato Grosso teve influência no desenvolvimento de Pontes e Lacerda. Além das facilidades promovidas pelo Estado, entre elas a venda a baixo custo de terras, o governo federal desenvolveu planos de arrimo por meio de abertura de estradas, financiamento favorável, projetos especiais da Sudam e Sudeco.

Com o desenvolvimento, a Lei nº 3813 de 06 de dezembro de 1976, sancionado pelo governador José Garcia Neto, criou o distrito de Pontes e Lacerda, no município de Vila Bela da Santíssima Trindade.

O Decreto 940, 11 de maio de 1977, criou uma Unidade Sanitária, tipo U-1, na sede do distrito.

O afluxo de migrantes à região foi imenso. Porém o que significou aumento demográfico significativo foi a descoberta de ouro, nos garimpos da Serra de Santa Bárbara e do Caldeirão, aos borbotões.

A Lei Estadual nº 4167, de 29 de dezembro de 1979, de autoria do deputado Ubiratan Spinelli e sancionada pelo governador Frederico Campos, criou o município de Pontes e Lacerda, com território desmembrado do município de Vila Bela da Santíssima Trindade.

A instalação oficial deu-se somente em janeiro de 1981, ocasião em que tomou posse o sr. Gercino Rodrigues de Souza, na condição de primeiro prefeito municipal nomeado. Dois anos depois entregou o cargo ao sr. Dionir de Freitas, primeiro prefeito eleito.

Fator de progresso foi o asfaltamento da BR-364, que liga Cuiabá a Porto Velho, passando pelo município de Pontes e Lacerda.

Texto III

Relato obtido a partir do depoimento do Sr. Elízio Ferreira de Souza, brasileiro, maior, casado, portador do RG: , SSP- , residente à Av. Pouso Alegre, no município de Vila Bela da Santíssima Trindade.

A comunidade Pontes e Lacerda surgiu é com pessoas que se residiam em Vila Bela e que eram funcionárias da Linha de Correios e Telégrafos... que foi implantada na época Rondon ... que fazia necessário de ponto em ponto existir pessoas que acompanhassem o trabalho... né? (...) porque era através do fio e esse fio geralmente sempre caia um pau... uma coisa tinha ter pessoas que dessem assistência nesse trecho aqui para evitar fogo assim por diante (...)

(...) e Pontes e Lacerda era um ponto sentinela... um dos pontos mais próximos de Vila Bela... que em seguida se descobriram que área de Pontes e Lacerda era uma reserva... uma grande reserva do governo... descobrindo que seja começou a surgir os imigrantes com o interesse de adquirir terra... né? (...) e as terras era devoluta ainda né? (...) e foi chegando essas famílias de grileiros... principalmente essas famílias dos Azambuja... dos Arantes... foram as primeiras famílias de imigrantes que começaram a chegar ali... mesmo antes de isso... ali ficou transformado no acampamento do D.N.E.R... eles estavam trabalhando nas estradas... né? (...) fazendo a abertura das estradas de Porto Esperidião para cá e ali ficou como central... o ponto de acampamento desse pessoal... alguns deles foram embora e outros já ficaram... um deles nós chegamos a conhecê-lo... um senhor por nome de (...) Dorvalino... que fazia parte da equipe do DNER que ficou residindo em Pontes e Lacerda... constituindo família e assim por diante ... mas nesse momento ali que começou já a extensão daqui da Vila Guaporé, que é a Vila dos "Pretos"... falada embaixo... e por essa razão que eu já disse... a partir daí começou a habitação mais para cima... isso porque a área embaixo ela é bastante úmida e assim por diante... não é bem apropriada para moradia... principalmente no período da chuva e logo em seguida a terra lá prá cima... uma terra muito boa fértil e alta... né? (...) muito bem melhor para o pessoa começarem a desenvolver o município...

...um dos fatores... isso aconteceu até em Vila Bela... geralmente pessoas que são os primeiros habitantes no caso aqui nos temos o exemplo dos índios... os índios simplesmente não desenvolveram-se na agricultura e canto nenhum praticamente... né? (...) eles se adaptaram a morar sem assim um grande interesse já os imigrantes eles já vieram de uma área bem desenvolvida e que talvez lá também não teria mais espaço para eles... uma ambição muito bem maior... de ocupar o espaço e se desenvolver e de crescer... enquanto o pessoal da terra é um pessoal mais humilde... talvez sem condições

financeiras para se desenvolver... né? (...) e ficaram naquela... né? (...) e geralmente os imigrantes vêm com aquela ambição... de mais... mais e mais... assim por diante...

(Em relação à escravidão) ... a vida do passado foi uma vida muito sacrificada... a humildade seria a base de tudo para eles sobreviver... porque ... se exaltasse morria (...)

Texto IV

Relato obtido a partir do depoimento da Sra. Ervelina Francisco da Silva, brasileira, maior, casada, portadora do RG sob o número 814.867, ssp/MT, nascida em 08 de março de 1947 e residente à Av. Marechal Rondon, snº em Pontes e Lacerda.

Eu so de Pontes e Lacerda ... Vera Glória né? (...) história que minha mãe conta... né? (...) ... Carlos Pereira... né? (...) ele não era telefonista... ele era morcista... só que naquela época logo em seguida dois anos de serviço... os índios pegô e matô a mulher dele que era Maria Amélia ... que ficô sendo o time formado Santa Amélia... mas com a morte da mulher dele ele abandonô o telefone né? (...) e levô o morci... foi embora para Campo Grande e levô o morci e Pontes e Lacerda ficô abandonada né? (...) sem morcista... sem telefonista sem nada aá ... sem guarda sem nada

... tinha Antonio Colombo Coleta da Cunha que veio prá cá mais os índios atacavam muito ele sempre acompanhado de duas pessoas... mais não era guardas... fios ai ele com muito medo mandô busca e vieram né e pediu reforço da Vila Bela da Santíssima Trindade que veio meu pai Benedito Francisco da Silva... Valenti Fernando Leite... Ozeno Bispo Lino (falecido) Ancelmo Ribeiro... Emoji este aí foi filho de Vila

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes
BIBLIOTECA

Bela como meu pai ... tinha a família desloco da Vila Bela em 05.02.45 ... vei pra Pontes e Lacerda

... eu fui a primeira criança que nasceu aqui em Pontes e Lacerda ... êêê nasci aqui em Pontes e Lacerda aos 8.03.47 ... a parteira que me pegô tinha tanto medo de passa numa ponte... nunca tinha passado numa ponte ... passo numa ponte construída pelos engenheiros de Marechal Rondon... passo de quatro pé ...

... então eu sô a PRIMEIRA CRIANÇA DE PONTES E LACERDA

... esse foi o começo de Pontes e Lacerda ... e logo vieram outras famílias né? (...) o que pra lava ropa no rio que os de índios atacava muito ... tinha aqui dois guarda fios armado de 44 que é inchesti pra cuida a minha mãe e eu enquanto ela lavava a roupa por que o encarregado que era o seu Antonio Colombo tinha muito medo de índio só ficava na estação que fala agora correio que naquele tempo chamava-se estação correio de telégrafos ... seu Antonio Colombo não era morcista ele era telefonista já começo trabalhar com telefone encarregado de chefe de sessão naquele tempo tinha chefe de sessão ... isso é história i aí vieram as famílias dos guardas ... história que a mãe sempre conta...

... em 44 êêê... veio mais família...

... Emiliano Coleta da Cunha cá família...

... Emoji cá família ...

... Ancelmo Ribeiro com a família ... já ficava muito guarda fio e Pontes e Lacerda então aí ficava muito em Pontes e Lacerda e então já tiro meu pai pro Porto Esperidião que tinha também a estação é o é o correiro ... Porto Esperidião aí desloco meu pai Benedito Francisco da Silva e Juvência Frasão de Almeida pro Porto Esperidião...

... fico o seu Antonio Colombo como chefe de Pontes e Lacerda e meu pai e Porto Esperidião...

... desloco uma telefonista de Cáceres que era Celina Leal ... nessa época eu tinha 3 anos... (1950) então essas viaje era feita meu pai viajava quando acontecia um incidente do telefone não fala né? (...) meu pai viaja ele e Juvenço Frasão de Almeida viajava até de Porto Esperidião até Pontes e Lacerda por dentro das matas olhando os paus que tinha caído de coma da linha prá tora pra da vós ... então deslocava meu pai e Juvenco né e daqui prá lá seu Antonio e mais dois guarda fios ele não viajava só cum um... só dois era três pessoas até que encontrava o defeito de Porto Esperidião...

... até Pontes Lacerda era três dias de viagem a cavalo e lombo do cavalo e naquele tempo viajava os correieros que levava correspondência era burro ... carro de boi ... de Pontes e Lacerda à Cáceres era a correspondência que hoje viaja de ônibus ... naquele tempo só viajava animais no lombo de boi era boi que carregava cangai o carroça... carro de boi... Aíií ... carro de boi exporta carga... o correiero era Arlindo Bispo de Oliveira ... Paulo Izidio Amaro o outro correio era Benedito Dureza ... essas pessoas tinha muita responsabilidade de carrega essas correspondência que ia pra Cáceres... ele sofria muito era uma viagem muito sofrida de 47 a 1960 essa labuta essa luta em 1949 a gente mudô pra Porto Esperidião eu tinha dois anos ... de 49 a 60 meu pai fez Porto Esperidião a Pontes e Lacerda acompanhado esse chefe que era ... meu pai ... Benedito da Silva e o chefe dele Antonio Colombo da Cunha meu pai e Juvenço F. Almeida que trabalhavam sozinho ... dois funcionários que trabalhavam sozinho sempre que estava fazendo marração no posto no trecho ele escutava ... eles não largavam os cachorros adivinha ... os cachorros sentiam o cheiro dos índios ... eles tinham que desce os índios era bravo mais graças a Deus nunca aconteceu nada...

... em 1960 começô o primeiro carro ... pau-de-arara ... não ... o carro que era de Airton Motex ... vinha de Cáceres e Vila Bela isso era 8 dias de viaje que eera um motorista muito valente ... motorista muito valente de confiança...

... esse Airton Motex ele começô a vida dele muito simples na estrada ele começô 1947 ... mãe tava grávida quando ele sempre passava ... e esse Acácio Coelho era motorista... amigo pesso valente de muita força... muita força... era um preto de muita força muito corajoso...

... 1960 já surgiu outro carro que era Zetim aí já começô mais movimentação mais evolução nessa altura Pontes e Lacerda foi aumentando crescendo vindo mais famílias...

... 1960 entrô o governador Fernando Correira da Costa... conheceu... veio em Vila Bela que conheceu a dificuldade dos vilabelenses e começô a funda a estrada ... com a companhia DNER trabalho dia e noite e 1964 foi a inauguração da estrada de Cuiabá a Vila Bela que tiro mais um pouco o sofrimento dessas pessoas...

... 1964 chegô os Azambujas em Pontes e Lacerda ... chegô os Azambujas em Pontes e Lacerda ... quando eles chegaram as pessoas de Pontes e Lacerda eram muito humildes eles eram pretos e humilde que eles chegaram se abraçaram Pontes e Lacerda ... a vila que eles acharam que eles colocaram agora Vila dos Pretos... eles acharam Vila dos Pretos formada pelos barracões da DNER que eles abraço Pontes e Lacerda de unhas e dentes que não foi eles que fizeram Pontes e Lacerda...

... o povo de Pontes e Lacerda era humilde ... de cor ... família boa humilde ... e eles abraçaram ... e eles que colocaram esse apelido de Vila dos Pretos... chegaram ... os pretos receberam eles muito bem... e eles era muito estudado... conhecia terra boa foram abraçando... pegando... pegando inclusive ... eles conheceram o povo a humildade de Pontes e Lacerda...

... eles habitaram na Vila dos Pretos ... eles mandô buscar família deles que tava lá em Caarapó... Três Lagoas in Miranda in Minas ... lá vieram e foram cortando estas terras e sendo dono... seno dono... inclusive hoje tem pessoas de Pontes Lacerda filho de Pontes Laceda que não tem nem um lugarzinho pra fazê uma casa de tão humilde que são ... só

que quando eles vieram de lá da terra deles eles não vieram muito... eles só eram estruídos... estudados... mas ele eram ambicioneiro porque quando vieram de lá não veio de condução própria ... vieram de pau-de-arara... vieram tudo misturado era cavalo gente... era cachorro... era tudo misturado quando era coisa misturado com eles então pró pontelacerdense foi uma admiração quando eles chegam tudo misturado assim, eles era tudo misturado assim ... pessoas tudo suja... não sabia toma banho...

... inclusive tinha áááá professora Dona Cirila Francisca da Silva ela que alfabetizo essas pessoas... incentivo eles que deu educação presas meninas mas vieram esses rapazes eles nem sabia nem conversa ... só sabia ter ambição da terra Pontes e Lacerda ... eles... poriço que eles falam que são fundadores ... eles são donos... mas antes tem muitas pessoas aqui que são dono ... aqui tinha a igreja católica ... aqui tinha as missão cristã ... que inclusive foi um alemão seu Urva e dona Cristina fundaram a missão cristã...

... aqui tinha muito bastante crente... bastante católico... mais era tudo humilde e eles chegaram e cresceram olhos e foram pegá na terra... e foram pegá ... as terra de Pontes e Lacerda que hoje em dia eles tão ambicioneiro que eles são... que já pasaram muito vexame ... já passaram vergonha já ficaram muito humilhado mais eles não são os fundadores de Pontes e Lacerda não ... aqui tem muita raiz ainda de Pontes Lacerda gente humilde...

... dessa imbição dessa terras que foi sendo muito falada que Pontes Lacerda se tornô cidade sangrenta que eles que começaram ...

... essa imbição pegava um pedaço vendia ... pegava um pedaço vendia ... assim eles foi esparramando isso ii começo uma cidade sangrenta...

... a guerra dos Catolinos que foi uma guerra muito feia e morreu muita gente... só que morreu gente de fora os matogrossense quase não envolveu... todo mundo era pobre ficava até comedo das pessoas que viam de fora e vinham para pega terra por que os

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes
BIBLIOTECA

pontelacerdense continua humilde e pobre o poquinho que eles pegaram ainda tem ... eles brigavam entre eles por causa dessa terra...

... na Vila dos Preto mesmo que a professora dona Cirila tinha o barracão que dava aula ... ela alfabetizava os brancos que chego de lá que coloco o apelido de vila dos pretos e os pretos mesmo que tinha bastante preto civilizado aqui tinha bastante preto que hoje em dia trabalha em vários serviço junto com os brancos que vieram de la pra estudar na Vila dos pretos e essa professora veio de Vila Bela... uma viúva muito sofrida mais também que foi as pessoas que deram a mão pra ela ... humilde e ela é preta ... também parente de Benedito F. da Silva... meu pai... i o Antonio Colombo... o Emiliano deu muito ajuda pra ela ... iiii tem uma pessoa que eu esqueci de cita o nome dela no começo... Mariano Pios ... ele veio acompanhando Marechal Rondon 1945 ... e eles veio com os dois engenheiros que fez a pontes de Pontes e Lacerda ... Mariano P. de Campo é de Barra do Bugre descendente de bugre índio brasileiro... mais civilizado... esse aí ajudo muito P. Lacerda ... um homem batalhador...

... ele era acompanhado de engenhero de agrimensor ... ele também criava muito cachorro e ele sabia quando os índios viam pra atacá ... ele avisava as pessoas... não sabia as pessoas que acompanhava não sabia quando os índios ia atacá então os cachorros que ele criava sabia quando os índios vinham acatá ele já avisava ... se acomodava nas ruas barracas... ninguém saía do lado de fora para não ser frechado por índio...

... ai aaa Vila que falam Vila dos pretos foi crescendo... foi crescendo... masi a escola veio pra cima a escola 14 de Fevereiro qui funciona pela professora Cirila ... lá já foi Vila dos Pretos o primeiro padre veio prá celebra missa ... padre José... mais num foi a família dos Azambuja que foi buscar o padre que nem eles fala que foi eles que tinha uma farmácia eles montaram uma farmácia... mas o seu Urva e dona Cristina era parteira... enfermeira e o seu Urva era como médico... atendia todas as pessoas ... não foi a família

Azambuja igual eles fala que foi eles ... foi eles que fez Pontes Lacerda ... não foi eles não que fundo P. Lacerda...

... inclusive tem uma pessoa que escreveu o livro... pessoa que não vô cita o nome que tá tudo com mentira ... esse livro foi escrito tudo como mentira ... a pessoa que escreveu esse livro ele não pesquiso as pessoas bem antiga de P. Lacerda ... ele pesquiso a família Azambuja de Pontes e Lacerda... as raiz de P. Lacerda quando escuta história desse livro que ele escreveu ele lia nos rádio ... passava na televisão ... as pessoas mais de idade que conhece P. Lacerda ficô com raiva ... não foi eles ... foi os negros de Vila Bela que vieram de Pontes Lacerda que fundaram P. Lacerda...

... a minha mãe foi uma das primeiras pessoa que fundo Pontes e Lacerda... meu pai háaa dona Ana Maria da Silva ... Benedito F. da Silva ainda tem vivo dona Anastácia... tem vivo a dona Zenina ... tem uma professora bem mais velha do que eu já aposentada ... Ana Justina que conhece a história Pontes e Lacerda...

... outra coisa que eles fizeram errado em P. Lacerda foi ... é eles desmancharam a estação... deixô as pessoas pegá o zinco o madeiramento e eles fizeram outro correio mais não no modelo do correio... mas não no modelo antigo... tinha que fazê mais no mesmo modelo do primeiro nem falava correio era uma casinha bonita ... no Porto Esperidião tem... o correio do jeito que ele era modelo da estação mais aqui em Pontes e Lacerda as pessoas tomaram conta... vê se as pessoas fazem uma estrutura do correio feito pelo Marechal Rondon ... iii... quando as famílias de P. Lacerda as crianças ficô assim inibida por que quando eles saiam na rua assim que nem era rua... um pátio... as pessoas achavam graça davam risada dos negrinhos eles eram simples de calçãozinho... descalço... cabecinha de coco ... então cumê/ eles eram branco davam risada e foi falando Vila dos Pretos ... não é todo mundo que gosta que fala Vila dos Pretos lá se chama Vila

Guaporé que fico a beira do rio Guaporé então Vila Guaporé ... Não é vila dos pretos é Vila Guaporé...

... acho que foi até a Vila Guaporé... hoje tá esquecida a Vila Guaporé tiraram a igreja... o povo é esquecido... muito difícil lembrar das raízes ... assim são pessoas inteligentes pessoas humildes não liga com o sofrimento vai passando no dia-a-dia...

... agora uma coisa que eu tenho sentimentos que apesar da gente num mora muitos anos aqui mais eu tenho assim sentimento profundo porque colocaram o nome todas as pessoas que já são falecido na rua... gente que nunca fez nada tem nome aqui nas ruas e meu pai que foi a primeira pessoa que chegô em Pontes e Lacerda não tem o nome dele em luga nenhum deveria ter que foi o primeiro pioneiro... primeiro guarda fio em P. Lacerda ele e minha mãe e eu qua ainda tava na barriga dela...

Os textos apresentados constituem o corpus desta análise, a partir da qual objetiva-se compreender o processo de significação imbricado nos viés da história da fundação do município de Pontes e Lacerda pelo estabelecimento de relações discursivo-ideológicas presentes nos textos legitimados e, igualmente nos textos pontuados pela oralidade.

## III Capítulo - A análise de relatos (não legitimados)

### 3.1 - A história como condição de produção

Partindo da afirmação de Orlandi (1999:30) de que "as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação", por-se-á aqui a importância

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

apresentada pelos (a/o) interlocutores, situação, contexto histórico-social-ideológico na constituição do processo de significação.

Ao se considerar as condições de produção que perpassam os textos em análise, tem-se um quadro no qual o contexto imediato será representado pela produção dos sentidos em Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade, pelos sujeitos (nesse caso, os autores dos históricos legitimados e os moradores entrevistas) e pelo momento em que se deu a conjunção de fatos que trouxeram à tona a necessidade de uma pesquisa que vislumbrasse a história da fundação de Pontes e Lacerda sob um enfoque sócio-hostórico. Por seu turno, no espaço de arremetida do contexto amplo (aquele em que os efeitos de sentido são contemplados a partir de uma relação constitutiva entre o histórico, o social e o ideológico_ tem-se estabelecido toda uma rede de acontecimentos que determinam o modo pelo qual o discurso de fundação do município de Pontes e Lacerda funciona, mormente sob a contenção peculiar à sedimentação do sentidos.

Por conseguinte, as condições de produção são pontuadas pela existência de duas instâncias que crucialmente expõem o modo de inclusão e afetação do sujeito na/pela história, assim como a produção dos efeitos de sentido que dessa relação advêm.

Considerando que dois dois textos em análise representam o lugar de interpretação instado por instituições, nesse caso a Universidade e a Entidade Governamental, veremos que a forma de apresentação do histórico do município de Pontes e Lacerda obedece à normas de padronização. A produção de acontecimentos firmada numa dada versão da história, que nos mostrou no capítulo anterior a forma como a colonização instaura por ela mesma o sentido do desenvolvimento e do progresso típico da política liberalista e da visão europocêntrica de mundo.

Nos domínios das condições de produção do discurso afigura-se um outro elemento primordial à compreensão do processo de significação, a memória, que quando

pensada em relação ao discurso recebe a designação de "Inter-discurso". Orlandi (1999:31) define o inter-discurso "como aquele que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva, o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O inter-discurso disponibiliza dizeres que afeta o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada".

## 3.2 - A história na produção dos sentidos

Ao pensarmos na retomada ininterrupta da memória discursiva pelo sujeito em situações várias e, nesse caso quando se põe o discurso de fundação do município de Pontes e Lacerda, veremos que o dizer tem uma história. São múltiplos os aspectos que dão coerência histórica para que os sentidos signifiquem nesse espaço. Perpassam a memória, sob essa face, formações discurssivas que capitam a questão mercantilista e colonialista que moveu os países europeus no século XVI, a escravidão negra e indígena, a exploração de recursos naturais, a delimitação de fronteiras, a necessidade da ocupação dos vazios demográficos, a expansão da política agrária, os conflitos pela posse de terra, a forma de produção capitalista em frente a sociedade isoladas, o choque étnico-cultura. Daí decorre a produção de sentidos todavia esses sentidos não deflagram-se num momento específico, mas já foram formulados em momentos diversos, por outrem e que são retomados pelo sujeito em situações dadas de utilização de discurso.

> "Para compreendermos o funcionamento do discurso, isto é, para explicitarmos as suas regularidades, é preciso fazer

> intervir a relação com a exterioridade, ou seja, compreendermos a sua historicidade, pois o repetível a nível do discurso é histórico e não formal." (ORLANDI, 1996:29).

Uma ilustração típica de retomada da memória discursiva pode ser observada no relato da Sra. Ervelina quando esta faz um comentário sobre o Sr. Acácio Coelho, que ao que tudo indica (conforme o relato na página ) era um motorista que percorria o trajeto entre Vila Bela da Santíssima Trindade e Cáceres. No enunciado produzido pela Sra. Ervelina tem-se a seguinte afirmação.

3.2.1 - Recorte I

"(...) e esse Acácio Coelho era motorista, amigo, pessoa valente de muita força, muita força, era um preto de muita força, muito corajoso." No viés de tal assertativa vê-se a disposição e o funcionamento da memória discursiva, a rede intrica e sedenta que a constitui. Ha estabelecido, o sentido determinado para a figura do negro para a sociedade, tanto que o Sr. Acácio Coelho era possuidor de virtuosos atributos, (amigo, valente, tinha muita força, no sentido lato) no depoimento da Sra. Ervelina, que embora negra incorpora o discurso xenófobo de depreciação de uma raça por outra. É necessário pontuar, que no fragmento no qual a Sra. Ervelina afirma que o Sr. Acácio Coelho" (...) era um preto de muita força, muito corajoso"... a expressão "muita força" é utilizada com redundância para caracterizar a negritude do Sr. Acácio Coelho. Em outras palavras, um preto dotado de atributos tipicamente delegados a elementos pertencentes à raça

caucasiana. Isso demonstra que no Imaginário subsiste uma concepção do ser negro calcado na depreciação histórica instituída pelo discurso europocêntrico frente a contemplação de outras culturas, discurso de tal forma legitimado que, pode-se dizer que o próprio negro instaura uma visão negativa e depreciativa de sua etnia e cultura, caracterizando um efeito ideológico.

Nesse recorte[3], o sujeito discursivo está instaurado num lugar estigmatizado por um discurso outro, que segundo Ducrot (1981), argumenta o fato de um "negro" ser motorista ou um motorista ser negro, o que produz algumas inferências, como veremos mais acima.

Podemos tentar estabelecer primeiramente, uma classificação (Ducrotiana) dos diferentes modos de argumentação utilizados. Desde que se conduza a análise a um certo nível de abstração, que parece efetivamente, que textos à primeira vista muito diferentes, seguem o mesmo processo discursivo, apelam aos mesmos recursos.

No recorte apresentado acima, o locutor objetiva fazer com que seu interlocutor admita tal ou qual opinião, mostrando que ela decorre necessariamente de algumas outras que ele não pode deixar de admitir. Essas influências se apresentam, pois, como procedimentos discursivos, que partem de premissas para chegar a conclusões. A análise lógica a que as submeteremos tem assim como objeto tornar tão explícitas quanto possível as premissas, a conclusão e as diferentes etapas do encaminhamento que as relaciona. Para fazê-lo parece-nos útil comparar as argumentações presentes no recorte apresentado com os esquemas de raciocínio elaborados pelos lógicos, como segue:

1- Embora seja motorista é "preto".

2- Embora seja "preto" é motorista.

---

[3] A noção de recorte foi proposta por (ORLANDI 1983:128 - 9;1984: 13-7) para distingüir a análise frasal
que opera com a segmentação lingüística, de análise discursiva, cuja materialidade é o texto.

3- Por ser "preto" é valente.

4- Por ser "preto" é forte.

5- Por ser "preto" é amigo.

6- Por ser "preto" é amigo.

Recortamos acima as inferências 3,4,5 e 6 em língua natural do tipo **se A, então B** pela implicação lógica A -> B.

3- **Se** é preto, **então** é valente.

4- **SE** é preto, **então** é forte.

5- **Se** é preto, **então** é corajoso.

6- **SE** é preto, **então** é amigo.

Ora, acontece que essas implicações têm ainda a seguinte propriedade, que é chamada por Ducrot (idem) como "contra posição"; assim como há equivalência entre A-> B, há **negação de B -> negação de A.** Se, pois, transcreve-se o **se** pela implicação, é necessário admitir uma equilavência entre **se A, então B, se negação de B, então negação de A,** como segue:

3- **Se não** é valente, **então não** é preto.

4- **Se não** é forte, **então não** é preto.

5- **Se não** é corajoso, **então não** é preto.

6- **Se não** é amigo, **então não** é preto.

Essas inferências nos leva a reconhecer determinados recursos específicos da argumentação em língua natural. Nela se encontra, de um lado, princípios de raciocínio particular. De outro lado, constatam-se determinados hábitos gerais na organização da

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

prova. Assim, a formulação dessas inferências como reconstituição de argumentações levará freqüentemente a postular, no enunciador, "hipóteses implícitas", necessárias para que seu discurso possa ser compreendido como a argumentação que ele pretende ser.

Enfim, é evidente que essa teoria (Ducrotiana como método de análise, oferece somente um "leitura" do enunciado, dentre outras possíveis, pois o resultado do obtido variará necessariamente segundo os procedimentos teóricos atribuídos ao enunciado.

Dessa forma, ao utilizarmos o mesmo recorte acima e o teorizarmos na Análise de Discurso que nos fornece a base para a fundamentação teórica adotada, veremos que nas inferências 1 e 2 o sujeito discursivo tem a ilusão de estar em um outro lugar de significação que o autoriza enunciar "preto" ao invés de "negro" com se estivesse na origem de um "dizer de fora", ou, como quem não é negro (indiferente à classe). Entretanto, Picheux (1995:92) afirma que "... a indiferença da língua em relação à luta de classes caracteriza a **autonomia relativa do sistema lingüístico** e que, **dissimetricamente**, o fato de que as classes não sejam "indiferentes" à língua se traduz pelo fato de que **todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes.**

Já nas inferências 3,4 e 5 vemos o enunciado "preto" (negro) sendo sinonimizado à valente, forte e corajoso; um já dito instituído e universalizado historicamente como: "o negro e forte para o trabalho pesado e essa força desdobro-se em valentia e coragem para enfrentar e suportar a fadiga de todo tipo de trabalho que depende dessas "qualidades" que só o negro "tem". Nessas inferências, podemos observar que o **recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico** estão materialmente ligados, sem estar confundidos, o que segundo Pêcheux (idem: 1333), se poderia designar como **o processo do significante na interpretação e na identificação**, processo pelo qual se realiza as condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção.

Assim, "o sujeito que produz linguagem também está reproduzido nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso, quando na realidade, retoma um sentido preexistente." (ORLANDI, 1996-4 ed.).

Por fim, a inferência 6 posta em funcionamento nesse recorte onde estão as inferências 1 e 2 apresenta-se como uma antítese, ou seja, a inferência 6 apresenta-se no fio deste discurso como uma negação às inferências 1 e 2. Em 6, o sujeito do discurso identifica-se ao enunciar "amigo" de forma indeterminada (amigo de quem?). essa identificação de dá no funcionamento ideológico, no **inconsciente**[4], ou seja, **a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos**.

> "[...] o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do sujeito, para aceitar, portanto (livremente) sua submissão..."
>
> (Althusser, 1974)

Outros excertos dos depoimentos do Sr. Elísio e da Sra. Ervelina revelam formações discursivas inscritas no espaço de considerações que a memória discursiva construiu para a figura do negro. Na concepção de Orlandi (1999:12), o interdiscurso "delimita o conjunto do dizível histórica e lingüísticamente definido.

O terceiro parágrafo presente no depoimento do Sr. Elísio traz uma reflexão desse em relação ao desenvolvimento/colonizadores... "um dos fatores, isso aconteceu até em Vila Bela, geralmente pessoas que são os primeiros habitantes, no caso aqui nós temos

exemplo dos índios, os índios simplesmente não desenvolveram-se na agricultura e canto nenhum praticamente, né? (...) eles se adaptaram a morar sem assim um grande interesse." Para num primeiro plano ele reporta-se à questão indígena com marco decisivo para a construção de um processo em que o elemento central não é o índio, mas o negro. A utilização da preposição **até** propõe nesse discurso o efeito de pré-construído, conforme Pêcheux (1996:164) "o pré-construído "corresponde ao "sempre-já-aí" da interpelação ideológica que fornece-impõe "a realidade" e seu "sentido" sob a forma da universalidade (o "mundo das coisas"), ao passo que a "articulação" constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito.[5]"

Assim, o **até** e o **né** nessa discursividade presentificam o confronto estabelecido no século XVIII entre portugueses e índios (os primeiros habitantes da terra). Enquanto os europeus constituíram uma cultura caracterizada pela usura e pela acumulação de bens, os autóctones viviam sob os moldes da propriedade coletiva dos meios de produção. Dessa forma inserimo ai, o já-dito em consonância com Orlandi, quando esta assevera que "inscrevendo-se no já dito que o sujeito re-significa e se significa." Atentaremos, igualmente para a presença do advérbio "**geralmente**", uma forma de consolidar o consolidado, mesmo que exista espaço para outros sentidos.

---

[4] Inconsciente no sentido freudiano.

[5] A expressão "forma-sujeito" é introduzida por L. Althusser ('Resposta a John Lewis', op. cit. p. 67):

"Todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da forma sujeito. A "forma-sujeito", de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente de práticaas sociais."

ALTHUSSER, Lowis. apud. PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso. 3ª ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1997.

3.3 - O assujeitamento como evidência

"... já os imigrantes... eles **já** vieram de uma área bem desenvolvida e que talvez lá também não teria mais espaço para eles, uma ambição muito bem maior de ocupar o espaço e desenvolver e de crescer, **enquanto** o pessoal da terra é um pessoal mais humilde... **talvez** sem condições financeiras para se desenvolver... né?(...), ficaram naquela... né(...) e, ... **geralmente** os imigrantes com aquela ambição... de mais e mais... assim por diante (...)".

Ao falar o sujeito inscreve-se em formações discursivas dadas, não podendo escolher essa ou aquela filiação, tal fato revela determinação histórica sobre os processos de constituição do sujeito e de sua relação com a língua.

Constatamos através da fala do Sr. Elízio uma filiação dada, revelada no funcionamento discursivo. A existência de operadores argumentativos (já, enquanto, talvez, geralmente) é uma amostra dos efeitos da contradição tipicamente aludidas ao espaço dos simbólicos na produção dos sentidos. Este enunciado produz um evidenciamento de que o sistema de organização social dos primeiros moradores do município de Pontes e Lacerda por ser primitivo, improdutivo e inviável (na acepção capitalista) necessariamente deveria ser transformado, ou melhor, substituído, e consequentemente eclipsado pelos modos de organização trazido pelos migrantes que aqui aportaram, uma vez que os mesmos possuíam censo espacial e cultural de ordenação superior, visando sobre maneira a instalação do progresso e se suplantado os métodos "arcaicos" de produção proposta pelos moradores aqui arraigados há quase um século... "pessoal mais humilde... talvez sem condições financeiras" (percebe-se uma suposta inferioridade étnica, que desencadeia outras formas de inferioridade de um modo geral) para se desenvolver... né? (...) e ficaram naquela (a determinação histórica social,

se é preto, se é inferior, incompetente, a própria materialização da primitividade) (...) e... geralmente os migrantes vem com aquela ambição de mais... mais e mais... assim por diante (...)" (geralmente é usado aqui para enfatizar que as coisas funcionam assim negro incorporou enquanto sujeito afetado pela história o discurso de dominação e superioridade ariano, dá-se ao migrante poderes ilimitados, ele pode ter ambição desmesurada, contínua e inflexível, é ele próprio, incontestável, a sua constituição dentro de um discurso legitimado, instaura essa possibilidade ("(...) assim por diante"(...))e, igualmente estabelece o negro como sujeito acedente.

Percebemos assim, que o Sr. Alízio "evidencia" em seu discurso uma "censura" quando auto refere-se, pois na história o negro foi silenciado, não falou, foi falado e, esse silêncio se faz presente no seu discurso.

> Determinado pelo caráter fundador do silêncio, o silêncio constitutivo pertence à própria ordem de produção do sentido e preside qualquer produção de linguagem. Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o antiimplícito: se diz "x" para não (deixar) dizer "y", está sendo o sentido a se descartar do dito. E o não-dito necessariamente excluído. Por aí apagam sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma "outra" formação discursiva, uma "outra" região de sentidos. O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer. (ORLANDI, 1997:75,76).

Face à compreensão do funcionamento dos sentidos nas narrativas orais e escritas sobre a fundação do município de Pontes e Lacerda, constatou-se que o discurso negro é

apagado no momento em que é tangenciado pela incorporação do discurso do migrante, sofrendo uma deflexão no processo de significação que institui a história de Vila Bela da Santíssima Trindade, ver-se-á em decorrência a constituição de um sítio de significância que instaura a possibilidade de gestos de interpretação distintos considerando-se os textos em análise. Para Orlandi (1996:115) "todo sujeito, ao dizer, produz o que chamo um gesto mínimo de interpretação que é a inscrição do seu dizer no interdiscurso (no dizível) para que ele faça sentido".

Retomando um análise proposta po Orlandi (1996:121) acerca da apreensão dos efeitos de sentido da paródia na constituição do jogo indetitário que refere o sujeito à língua nacional, observa-se que essa autora afirma que "há uma especificidade do imigrante em relação ao colonizador. O colonizador, por definição, é o que, em termos de memória, exerce sua memória tradicional, impodo-a (e impondo-se) ao colonizado". Nesse caso, o Orlandi refere-se à imigração italiana ao Brasil e dos possíveis jogos de sentidos e desse encontro sobrevêm. Aqui, a ocorrência registrada é diversa, o migrante travestido na figura do colonizado impõe uma memória discursiva tradicionalmente legitimada.

## IV Capítulo - Análise de relatos (legitimados)

### 4.1 - O discurso institucional

Primeiramente, se se afixar como objeto de análise o texto, no qual tem-se um histórico do município de Pontes e Lacerda de acordo com considerações postas pela Fundação Centro de Ensino Superior de Cáceres, pode-se observar que o autor segue um

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

padronização idêntica àquela presente no texto II, histórico elaborando em consonância com órgãos governamentais. Há uma tessitura cingida rigidamente a fatos históricos sedimentados, não existe espaço para outros sentidos, o modelo é primordialmente o mesmo, as informações não acrescentam nenhum acontecimento fortuito. Nesse universo de retomada de fatos históricos proposto pelas instituições comstata-se que ocorre o silenciamento de sentidos que remetem a uma história outra.

Apresentando dentro da perspectiva discursiva em que trabalha uma reflexão diferenciada sobre a linguagem e o sentido, Orlandi (1997:70) introduz considerações sobre a interdependência entre o silêncio e o sentido, afirmando que "o silêncio é a própria condição de produção de sentido".

Deste modo, surge um novo lugar na discussão, em que o silêncio aparece como sentido história e matéria significante.

Orlandi (1997:71) assevera que o silêncio põe-se como condição essencial ao processo de significação, posto que o "sujeito tem a necessidade de silêncio, um silêncio que ele reinstaura falando".

No amplo aspecto de considerações sobre o silêncio, Orlandi (1997:23,24 preconiza a distinção de duas formas de silêncio, sendo "a) o silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar, e b) a política do silêncio que se subdvide em b1) silêncio constitutivo, o que nos indica para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as "outras" palavras) e b2) o silêncio local, que refere à censura propriamente (aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura)".

Por meio da distinção proposta por Orlandi, pode-se asseverar que no espaço do silenciamento (política do silêncio) os processos de significação são caracterizados por

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

um deslize através do qual ao se dizer algo apaga-se outros sentidos possíveis, "mas indesejáveis em uma situação discursiva dada." (ORLANDI, 1989: 40).

Sob o pórtico da noção de silenciamento buscarei estabelecer a prática discursiva incrustada na produção de sentidos que afiguram-se na história da fundação do município de Pontes e Lacerda.

Na iminência do silenciamento histórico da fundação do município de Pontes e Lacerda constitui-se, aparentemente, perpassada por uma transparência, tal é a forma de exposição dos fatos que a marcaram ao longo dos anos. Mas, desse lugar reflexivo, questionaremos o processo que instaurou a legitimação do discurso que permeia os históricos oficiais face a sentidos outros, oriundos de narrativas orais que circulam entre os primeiros moradores da povoação que deu origem ao município de Pontes e Lacerda.

De acordo com os dados apresentados pelos históricos oficiais acerca do município de Pontes e Lacerda, este teve como primeiro registro histórico de movimentação, uma carta geográfica de caráter hidrográfico, elaborada pela dupla de cartógrafos e astrônomos Antônio Pires da Silva Pontes e Francisco José de Lacerda.

Dos primeiros habitantes, os índios do povo nambikwára, nenhuma documentação de maior monta pôs-se como legado, por não possuir essa cultura uma tradição afixada na escrita. São também silenciados no curso da história.

> "Quer se trate de dominação ou de resistência, é pela historicidade que se pode encontrar todo um processo de discurso marcado pela produção de sentidos que apagam o índio, processo que os colocou no silêncio." (ORLANDI, 1997:59)

Somente em 1906 foi que história oficial registrou um acontecimento que veio instruir-se como marco de consolidação da imagem do que seria no futuro o município de Pontes e Lacerda.

## 4.2 - O silêncio constitutivo na história (de Pontes e Lacerda).

A constante preocupação do governo brasileiro em relação à definição das fronteiras territoriais do país no início do século XX deu origem à criação do Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, igualmente conhecida como Comissão Rondon. No ano supracitado, a Comissão Rondon determinou a construção de um estação telegráfica no local em que hoje erige-se o bairro denominado Vila Guaporé, primeira aglomeração urbana do município de Pontes e Lacerda. Como a estação telegráfica necessitava de manutenção, a Comissão Rondon designou funções específicas a moradores do município de Vila Bela da Santíssima Trindade. Essas pessoas historicamente reconhecidas nas figuras de Antonio Colombo, o encarregado geral, Emiliano Coleta da Cunha, atendente de tele fonia e Benedito Francisco da Silva, guarda da linha, deram início à constituição do município de Pontes e Lacerda, embora nos históricos oficiais apareçam apenas como funcionários negros da Comissão Rondon, oriundos do município de Vila Bela da Santíssima Trindade, meros coadjuvantes no processo de formação da comunidade lacerdense.

Cerca de três anos depois, em 1909, outro fato ganhou o mérito de ser registrado nos anais históricos, a doação de três mil e seiscentos hectares de terras devolutas para o centro da povoação, por parte do governador Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa por meio do Decreto nº 227.

Nesse ponto, a história do município de Pontes e Lacerda é acometida por um eclipse histórico total, nenhum fato de relevância apresentar-se-ia até o ano de 1947. Dos históricos oficiais pode-se apreender as seguintes declarações sobre esse período de "silenciamento histórico".

4.2.1 - Recorte IV

> "A 19 de julho de 1909, o governo destinou 3.600 hectares de terra para o centro da povoação. O desenvolvimento, no entanto, caminhou lentamente." ( ).

Entretanto, "o silêncio não é o vazio, o sem sentido, ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa. Isto nos leva à compreensão do "vazio" da linguagem como um horizonte e não como falta." (ORLANDI, 1997:70).

4.2.2 - Recorte V

> "O desenvolvimento se fez muito lentamente, em função das condições adversas da época, pela total falta de estradas. Passaram-se longos anos sem que se registrasse algum fato histórico relevante." (Fundação Centro de Ensino Superior de Cáceres).

Nesse enunciado, percebemos que não ter fato histórico relevante é estabelecer a política do silêncio, "a diferença entre o silêncio fundador e a política do silêncio é que a política do silêncio produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz, enquanto o silêncio fundador não estabelece nenhuma divisão: ele significa em (por) si mesmo." (ORLANDI, 1997:74).

### 4.2.3 - A política do silenciamento

Nesse espaço de configuração da história do município de Pontes e Lacerda há um desvão (estabelecido pela formação discursiva que atravessa os históricos oficiais) por meio do qual o silenciamento é instaurado. A história somente retoma seu trajeto, antecipadamente traçado, em 22 de novembro de 1947 com a chegada de Mariano Pires de Campos, poaeiro que apartou a povoação, seguindo o curso do rio Guaporé sob a companhia dos vinte e dois índios.

Se se tomar por análise os depoimentos que figuram no corpus desse trabalho, veremos que uma outra versão da história do município de Pontes e Lacerda põe-se. O mesmo período que nos históricos oficiais é irrevelante sob a força do silenciamento ali é retomado, mostrando-se intensamente agitado, permeado de fatos relevantes que, sem dúvida, fornecem ao processo de significação que instaura o discurso de fundação do município de Pontes e Lacerda uma nova configuração.

> "As instituições, como afirma Legendre, sustentam-se pelas crenças. Centro de poder, as instituições tem no sistema de crenças um forte sustentáculo, pois a criança levando o sujeito a

> legitimar um poder exterior a ele, legitima, conseqüentemente, a instituição que representa esse poder." (LAGAZZI, 1988:37)

## 4.3 - Silenciamento X Etnia

Nos históricos oficiais o desenvolvimento da povoação, enquanto habitada pelos negros provenientes do município de Vila Bela da Santíssima Trindade, foi lento, praticamente inexistente. Aqui, pode-se observar que a capacidade do negro em instituir os fundamentos do progresso é totalmente anulada. Tal afirmação poderia ser dita de outro modo, mas a dissimulação que caracteriza o jogo da linguagem no espaço do simbólico irrompe em seu funcionamento, parafraseando o exemplo ( ); apesar do governo distintar 3.600 hectares de terras devolutas ao centro da povoação, o desenvolvimento não irrompeu dada a incompetência e a inferioridade impostas aos pretos que habitam o núcleo. Somente com a chegada de um branco, em 1947 é que a história altera-se, sendo atingida pelas Monções do progresso.

Aos negros que foram designados pela Comissão Rondon para fixarem-se na povoação de Pontes e Lacerda a fim de garantir o funcionamento da estação telegráfica, o discurso capitalista de desenvolvimento reservou um lugar de depreciação. Mas, afinal o que é desenvolvimento, cultura e civilização? Quais noções poderiam dar uma definição ponderada de tais termos? O olhar ocidental lançado sobre a povoação de Pontes e Lacerda, mormente o período entre 1909 e 1947, é reprovador. A população ali estabelecida, fundada sobre uma estrutura social considerada primitiva não conseguiu, por si só, dar início ao processo básico que cerceia a passagem de uma forma de organização social tida como rudimentar para aquela tipicamente européia. A povoação de Pontes e Lacerda viu enlaçada pelo afluxo incomensurável que emana no discurso

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

capitalista de dominação e, por conseguinte sua população viu-se insuflada pela incorporação de uma formação discursiva eleita como a correta e legítima no espaço do dizível.

> "(...) a concepção de Estado esta diretamente vinculada à fundamentação de poder jurídico, por sua vez decorrência da idéia de lucro, que se coloca nos termos do capitalismo, ou seja, o Estado é o Estado Capitalista, que se funda na divergência de interesses entre "proprietários" e "não-proprietários", divergência esta que resulta em direitos e deveres conflitantes." (LAGAZZI, 1988:16).

## 4.4 - A nomeação como forma de silenciamento

No que concerne à questão da nomenclatura do município de Pontes e Lacerda, pode-se traçar o seguinte percurso: nos históricos oficias é apresentada uma versão na qual afirma-se a partir do momento em que os negros oriundos de Vila Bela aqui aportaram, a povoação recebeu denominação de "Vila dos Pretos". Por outro lado, em consonância com o depoimento da Sra. Ervelina, tal denominação surgiu com a chegada das famílias de migrantes originárias dos Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul. Anteriormente, os habitantes da povoação chamavam o lugar de Vila Guaporé, obviamente por esta situar-se às margens do rio Guaporé. Ademais, põe-se, igualmente a questão da nomeação do município incidir sobre nomes de pessoas que somente estiveram de passagem pela região. O binômio Pontes e Lacerda ilustra o apagamento da participação e importância de Vila Bela na constituição histórica do município em

análise. O que nos leva a entender a nomeação "Pontes e Lacerda." Como forma de legitimação e poder vigente.

> "A legitimação é uma forma que o poder tem de evitar o conflito explícito nas relações interpessoais, mantendo a ordem vigente. Atribur direitos e deveres é atribur símbolos de poder, é legitimar o poder como coerção, trazendo a ordem simbólica para o cotidiano das relações interpessoais." (LAGAZZI, 1988l:39)

No depoimento da Sra. Ervelina há uma alusão à questão da nomeação das vias públicas lacerdenses:

4.4.1 - Recorte VI

... agora uma coisa que eu tenho sentimento ... que apesar da gente num mora muitos anos aqui mais eu tenho assim sentimento profundo porque colocaram o nome todas as pessoas que já são falecido na rua... gente que nunca fez nada tem nome aqui nas ruas e o meu pai que foi primeira pessoas que chego em Pontes Lacerda não tem nome dele em luga nenhum deveria ter que foi o primeiro pioneiro... primeiro guarda fio em Pontes Lacerda ele e minha mãe e eu qua ainda tava na barriga dela...

De fato, na região central do perímetro urbano do município de Pontes e Lacerda não se pode encontrar nas ruas e avenidas que perpassam a cidade uma homenagem aos primeiros habitantes da povoação e, igualmente em órgãos públicos. Constata-se que

ruas, avenidas, praças entre outros estabelecimentos, receberam maciçamente nomes de migrantes que mudaram-se para Pontes e Lacerda depois da década de 70, ou mesmo de indivíduos que nunca vieram ao município, mas que de alguma forma ligados aos governantes, tiveram os nomes inscritos para a posteridade, silenciando outros que de fato deveriam aparecer, tal a participação que tiveram no interior do processo de constituição de Pontes e Lacerda e são censurados (silenciados a cada nomeação).

> A censura joga com o poder-dizer impondo um certo silêncio. Entretanto, como o silêncio significa em si, à "retórica da opressão"_ que se exerce pelo silenciamento de certos sentidos _ responde a "retórica da resistência" fazendo esse silêncio significar de outros modos. (ORLANDI, 1997:87).

# Considerações Finais

Na introdução deste trabalho, afirmamos que sob a ótica da Análise de Discurso o processo de constituição dos sentidos pode ser compreendido em seu funcionamento através do discurso.

Ora, tal concepção, de fato, conduziu a análise aqui exposta, a qual igualmente buscou na noção de silenciamento uma base para instituir um estudo cujo escopo instaurou-se na compreensão do funcionamento dos sentidos silenciados ou não nas narrativas orais e escritas da/ na fundação de Pontes e Lacerda.

Primeiramente estabelecemos uma análise dos relatos que retomam a história de Pontes e Lacerda, mas ao são legitimados. Em prosseguimento deu-se uma abordagem de relatos legitimados pelas instituições que tratam da história do município supracitado. Considerando tal colocação poderíamos concordar com Orlandi (1996:275) quando esta afirma que "(...) para se compreender é importante se perguntar: o que ele não está querendo dizer ao dizer isto? Ou: o que eles não está falando, quando está falando disso?"

Espaço conclusivo, estruturada para a exposição de fato, esse lugar nos remete à rede de sentidos que perpassam o objeto em questão: a possibilidade de inscrições no dizível, assim como a configuração do espaço em que o silêncio atual no movimento que determina a constituição dos sentidos.

Em aberto, é assim que deixamos a análise apresentada, pois pelo viés do processo de significação outros enfoques daí poderão advir, uma vez que a discursividade constitui-se na/ pela história.

# Bibliografia

ALTHUSSER, L. Aparelhos ideológicos de Estado. 2ª ed. Tradução de Walter J. Evangelista e Maria Laura V. de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

COSTA, Luís César Amad, MELLO, Leonel Itaussu. A. História do Brasil. 3ª ed. São Paulo: Scipione, 1991

DUCROT, O. Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas. São Paulo: Global, 1981.

FERREIRA, João Carlos Vicente. Mato Grosso e seus municípios. Secretaria do Estado de Educação. 19ª ed. 1997.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FREIRE, Maria de Lourdes Bandeira de Lamônica. Vila Bela: território branco, espaço negro - um estudo de identidade étnica. São Paulo, 1986.

GUIMARÃES, Eduardo. História e sentido na linguagem. Eduardo Guimarães (organizador), Campinas, SP: 1989.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaca. A inter-ação pela linguagem. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.

LAGAZZI, Suzy Maria. O desafio de dizer não. Campinas, SP: Pontes, 1988.

ORLANDI, Eni P. As formas de silêncio: no movimento dos sentidos. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. A Leitura e os leitores. Eni Pulccinelli Orlandi (organizadora). Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. Discurso e Leitura. 3ª ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

_____. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Nº. REG. 5901 monografia Nº. CHAM.

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Educação e Cultura de Mato Grosso
Universidade do Estado de Mato Grosso

BIBLIOTECA

Autor: Chaves, Kátia de Freitas

Título: O funcionamento dos ...

| Devolver em | Nome do Leitor |
|---|---|
| 23-11-06 | Edimilson |
| 18/11/08 | Alessandra de Freitas |

Gráfica Satélite - 3266-3154/1526 - Pontes e Lacerda MT- 08/2006